NÚMERO 5
ABRIL

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº. 2087, de 1 de abril de 2021. Não pode ser vendido separadamente.

Diretor Filipe Alves
Diretor Adjunto Shrikesh Laxmidas
Subdiretores Leonardo Ralha e Lígia Simões
Diretor de Arte Mário Malhão

JE UNIVERSIDADES

www.jornaleconomico.pt | Boletim de informação académica

TENDÊNCIA

Católica-Lisbon adere a diploma digital à prova de falsificação

Business School da Universidade Católica na capital adota o "Smart Certificate" com tecnologia blockchain desenvolvida pela 'startup' belga CVTrust. Numa primeira fase, o diploma digital é usado nos programas de formação executiva, mas futuramente será alargado a licenciaturas e mestrados. Lá fora, INSEAD e MIT já abraçaram nova tendência.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Em vez do tradicional certificado em papel que teria de levantar na secretaria da escola, Alexandra A. recebeu no email um *link* para um site encriptado que poderá usar independentemente das circunstâncias. Um simples clique em qualquer momento e lugar do mundo permite-lhe aceder ao documento que comprova o programa executivo que fez na Católica Lisbon School of Business & Economics.

Isto já é possível porque a escola introduziu uma nova modalidade de diploma, o "Smart Certificate", uma tecnologia blockchain desenvolvida pela *startup* belga CVTrust, que permite a emissão de certificados digitais autenticados e verificáveis. "A Escola é mais uma vez pioneira na adoção de inovações em áreas de formação e serviços aos nossos clientes, não só lançando um conjunto alargado e inovador de programas online, mas também validando digitalmente os certificados", afirma Filipe Santos, Diretor da Católica-Lisbon.

Depois do segmento de programas para executivos, em que a escola é fortíssima e onde nasceu, a nova era do diploma digital será futuramente alargada às licenciaturas e mestrados, revela Diogo Lopes Pereira, Diretor de Marketing da Católica-Lisbon, ao JE Universidades. Um passo que não põe em causa o simbolismo associado às cerimónias de graduação da instituição, salvaguarda: "as cerimónias de graduação, de entrega dos diplomas físicos, que agora estão suspensas devido à pandemia da Covid-19, são um marco na vida dos nossos alunos, vão regressar e continuar a ser importantes no futuro".

Diogo Lopes Pereira elenca de uma assentada uma mão-cheia de vantagens: "o certificado é uma forma acessível, rápida e segura de os nossos alunos terem um *link* que podem mostrar digitalmente, que dispensa a apresentação de cópias do diploma". De grande utilidade sobretudo na candidatura a um emprego, numa entrevista ou num perfil no LinkedIn, na medida em que cria uma segurança adicional junto de quem o consulta, nomeadamente, o empregador. Trata-se de uma boa ferramenta para todas as partes, justifica o responsável pelo Marketing da Católica-Lisbon: "Ganham os alunos e participantes nas formações de executivos, ganham as empresas, porque garantem que estão a contratar quem fez efetivamente a formação que diz ter feito e ganha a Católica, que, no fundo continua a defender a sua reputação".

Diogo Lopes Pereira, que também é professor de *fintech* na formação de executivos, explica-nos que a tecnologia "Smart Certificate", através do uso de blockchain, permite "garantir a integridade dos diplomas, assegurar que os mesmos não são modificados por terceiros, certificar a 100% a identidade do emissor, bem como a legitimidade e validade do documento". Também garante a privacidade total dos dados pessoais dos graduados, uma vez que se encontram criptografados. "Qualquer alteração, como atualizações, revogações, expiração ou extensão do período de validade são instantaneamente visíveis nos certificados", explica.

Os diplomas digitais são uma das tendências mundiais da tecnologia para 2021, já abraçados, por exemplo, pela líder mundial dos MBA em 2021, a francesa INSEAD, e o norte-americano MIT. Para o dean Filipe Santos são o fiel garante do prestígio da Católica-Lisbon: "A tecnologia 'Smart Certificate' permite proteger a nossa escola e os nossos graduados ao prevenir fraudes no Curriculum Vitae". ■

FILIPE SANTOS
Diretor da Católica Lisbon School of Business & Economics

ÍNDICE

2 **Perspetiva**
Céline Abecassis-Moedas, Dean da Formação de Executivos da Católica-Lisbon, reflete sobre o futuro da Universidade.

3 **Atualidade**
UTAD assina protocolo com Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro e dá primeiro passo para curso de Medicina. Ministro Manuel Heitor garante apoio.

4 **Entrevista**
Hélia Gonçalves Pereira coloca os próximos três anos em perspetiva. "Teremos que ter a capacidade de olhar mais à frente do nosso tempo", afirma a nova Reitora da Universidade Europeia na primeira entrevista a um jornal.

6 **Academia-empresa**
Parceria entre o Politécnico de Castelo Branco e fabricante de maquinaria da marca Vicort, lança projeto tecnológico aplicado à floresta.

7 **Elvira Fortunato**
A pioneira na eletrónica de papel foi agraciada num só mês com o Prémio Pessoa 2020, uma Medalha de Ouro Comemorativa do 50.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e o WFEO GREE Award Women 2020, o maior prémio internacional de Engenharia.

8 **Investigação**
Universidade de Aveiro integra projeto europeu que quer seduzir os jovens para a Dieta Mediterrânica.

OPINIÃO

CÉLINE ABECASSIS-MOEDAS
Dean for Executive Education
da Católica Lisbon School of Business & Economics

O futuro da Universidade ou a economia das superestrelas!

Qual será o impacto da transformação digital na educação e nas universidades? Será que vão sobreviver à transformação digital? Sempre pensámos que seria impossível passar todas as aulas para o online. No entanto, não só foi possível, como até correu muito bem. De repente, temos acesso a todos os cursos de todas as universidades do mundo! A proximidade geográfica e a língua que limitavam muito as escolhas, já não são barreiras. À semelhança de outras disrupções tecnológicas, esta transformação digital e a mudança para o ensino online está e vai ter um impacto profundo na maneira como interagimos com a educação.

Podemos olhar para o impacto da introdução do gramofone na indústria da música. Antes do gramofone, os cantores da ópera faziam atuações em salas para umas centenas de pessoas, não mais. Depois da introdução do gramofone, os melhores cantores tornaram-se acessíveis a todos no mundo inteiro e a remuneração destas estrelas aumentou substancialmente, enquanto a remuneração media dos outros baixou. Este fenómeno chama-se "economics of superstars". As outras tecnologias como o rádio e o *streaming* aumentaram este fenómeno. Será que nas universidades vamos também assistir ao mesmo fenómeno de "economia de superstars" com "winner takes most".

Muitos estão convencidos que nesta economia das superestrelas, vão ganhar as grandes universidades americanas que têm grande reputação e marcas fortes (as superestrelas) e que vão desaparecer as universidades de menos reputação e reconhecimento. Estou convencida que dentro do mercado americano, vão desaparecer muitas universidades menos conhecidas. Mas duvido que as universidades locais no resto do mundo desapareçam.

As universidades superestrelas estão a oferecer cursos online com professores, também eles superestrelas..., mas com vídeos pré-gravados e sem nenhuma interação entre os alunos e o tal professor. O modelo de negócio passa por aumentar a escala o que permite baixar o preço. Mas para o conseguir, a formação tem de passar pela produção de vídeos e não pelas aulas presenciais.

Isso significa consumir as aulas como consumimos conteúdos no Netflix. Então, o que é que uma universidade local pode oferecer? O conhecimento da realidade local, a oportunidade de aprender com os outros, e o *networking*.

Primeiro, um conhecimento local é essencial porque há ainda diferenças regulamentares, de cultura e de prática entre países... Um amigo meu que fez o MBA nos Estados Unidos partilhou comigo que ficou perdido quando chegou à Europa porque a terminologia e os conceitos da contabilidade eram tão diferentes.

Segundo, as pessoas precisam de relações humanas e o cérebro precisa de outras pessoas para aprender. Como professora tenho a consciência que a aprendizagem dos alunos ou dos participantes acontece em grande parte entre eles. O papel do professor é o de facilitar esta dinâmica, que também permite criar *network*.

Terceiro, o *network* constrói-se nas universidades, nas licenciaturas, nos mestrados e até mais tarde na vida. É muito difícil, quase impossível construir um *network* online e à distância. O *network* tem de ser construído e "regado", o que significa que é muito mais útil ter um *network* local com pessoas com quem podemos falar regularmente.

Assim sendo, acredito que o futuro das universidades vai passar a ser um *mix* entre online e presencial e entre global e local, será um *blend* de maneira a aproveitar o melhor de cada lado para uma experiência impactante! ■

ATUALIDADE

UTAD dá primeiro passo para o curso de Medicina

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro assinou um protocolo com o Centro Hospitalar para a criação de um Centro Académico Clínico. Na forja está o curso de Medicina. O ministro do Ensino Superior garante apoio ao projeto.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

António Fontainhas Fernandes sela com chave de ouro oito anos de liderança na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Na cerimónia comemorativa dos 35 anos da UTAD teve o seu último ato público como Reitor: assinar, com Rita Castanheira, administradora do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro, um protocolo para o estabelecimento de um Centro Académico Clínico, visando a criação de um curso de Medicina.

"A UTAD pretende avançar com um curso que vá mais além no estudo das doenças zoonóticas", adiantou António Fontainhas Fernandes ao JE Universidades, explicando: "aprofundar esta problemática é cada vez mais relevante, pois este novo coronavírus passou de animais para humanos e embora esse processo esteja longe de estar conhecido, sabemos que as doenças zoonóticas, ou zoonoses, têm vindo a aumentar devido à pressão que o desenvolvimento económico exerce na natureza". Trata-se, prosseguiu, de "uma clara manifestação da falta de equilíbrio da influência dos seres humanos na Terra, que se expressa também através das alterações climáticas".

Fontainhas Fernandes destacou ainda ao JE Universidades a importância da Medicina para a fixação de médicos em regiões do interior, o que ficou claro na atual situação de pandemia.

Os 35 anos da UTAD foram assinalados dia 23 de março numa cerimónia limitada pela Covid-19, que contou com uma presença plena de significado: o ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Manuel Heitor garantiu apoio ao projecto, adiantando que o primeiro passo é a constituição do grupo de trabalho que vai avançar com a criação do Centro Académico e Clínico, que poderá ser a base para um futuro curso de Medicina.

"É um protocolo para preparar uma proposta que tem o meu total apoio. Tem que ser, como todas as propostas, construída, desenvolvida e amadurecida", afirmou.

Por seu turno, Fontainhas Fernandes fundamentou o projecto, destacando as competências da UTAD na área das zoonoses onde ministra um curso de Medicina Veterinária creditado internacionalmente. "Está na altura de criar condições para uma futura formação na área das doenças zoonóticas", referiu.

O futuro

Numa cerimónia evocativa do passado, mas virada sobretudo para o amanhã, António Fontainhas Fernandes, que está à frente dos destinos da UTAD desde 2013, traçou uma visão esperançosa para o futuro da Universidade, enquanto espaço de desafios contínuos em tempos de revolução digital, de aceleração e transformação; um espaço de investigação e inovação, que estimule o conhecimento e onde a imaginação e a criatividade se traduzam em melhor educação.

"As universidades devem ser o exemplo" – afirmou, salientando o desafio global assumido pela sua equipa de atingir a neutralidade carbónica no campus nas próximas décadas. "O caminho que a UTAD tem trilhado nos últimos anos, certificando o ecocampus e reforçando a ligação à agenda 2030 da ONU e aos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, tornando a Universidade um local de encontros, de socialização e promotor de estilos de vida saudáveis".

Manuel Heitor, que encerrou a sessão, expressou apreço e louvor

HOMENAGEM

ARTISTA E PEDAGOGO CARLOS CARDOSO

A Escola de Ciências Humanas e Sociais da UTAD prestou homenagem póstuma ao docente e artista pedagogo Carlos Cardoso, recentemente falecido, com o descerramento de uma placa com o seu nome na área onde funcionam os cursos de Teatro e Artes Performativas e Educação Básica e Animação Sociocultural, nos quais se destacou como docente. O seu nobre e vasto legado inclui a fundação do TUTRA - Teatro Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro.

pela obra do Reitor e pelo seu contributo para o ensino superior, enquanto presidente do Conselho de Reitores (CRUP). "Mais de 40% dos cidadãos residentes em Portugal entre 30 e 34 anos com o grau de ensino superior era um objetivo que muitos consideravam impossível de atingir, e se o atingimos foi graças a dois contratos de legislatura assinados entre todas instituições de ensino superior e o governo, no âmbito dos quais Fontainhas Fernandes teve um papel determinante".

Em dia de celebração, coube a António Cunha, atual presidente da CCDR-N, antigo reitor da Universidade do Minho e antecessor de Fontainhas Fernandes no CRUP, proferiu a Lição de Sapiência, que subordinou ao tema: "Norte 2030: o desafio da criação de valor". Também houve lugar para acarinhar o trabalho desenvolvido em prol da comunidade e assim foi outorgado o Prémio "Responsabilidade Social" ao Centro de Testagem Covid-19 da UTAD, nas pessoas das investigadoras Raquel Chaves, Paula Lopes e Filomena Adega. O centro trabalha em coordenação com o Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro e a ARS Norte que durante a pandemia tem vindo a desenvolver trabalho em prol da comunidade.

Outro momento digno de nota teve como protagonista o professor Fernando Nunes, investigador do Centro de Química de Vila Real, agraciado com o "Prémio Investigador 2020" da UTAD, devido ao elevado número de publicações em revistas científicas, número de patentes, financiamento obtido em projetos de investigação e orientação de doutoramentos.

As comemorações encerraram já noite alta com um concerto online. O pianista Bernardo Soares e o clarinetista Nuno Pinto renderam homenagem a Vila Real, num emotivo "De braços abertos à cidade". ■

OPINIÃO

PEDRO PINHEIRO
Docente e Vice-Presidente no ISCAL

Desafios e oportunidades: (r)evolução no Ensino Superior

O ensino superior enfrentou ao longo do último ano o maior desafio das últimas décadas. Este desafio decorre essencialmente das restrições colocadas a um dos pilares em que assenta todo o sistema – o regime presencial no desenvolvimento das atividades de toda a comunidade académica.

Esta restrição foi sentida de forma generalizada, com especial relevo nas instituições, como é o caso do ISCAL, em que o processo de ensino-aprendizagem tem, como elemento enfático, a componente prática, alicerçada no saber fazer. A transposição para o regime a distância de metodologias pedagógicas ativas como *problem based learning* ou as práticas simuladas acarretou ainda maiores desafios.

O ISCAL, Instituição com mais de 260 anos de história teve, assim, de se adaptar e dar resposta a estes novos desafios, obrigando o corpo docente a reconfigurar metodologias de ensino e formas de trabalhar.

Os estudantes foram forçados a uma adaptação dos seus estilos de aprendizagem. Todo este processo decorreu num espaço de tempo diminuto e num contínuo temporal.

Conforme referi, foi especialmente necessário repensar a forma de transmitir conhecimentos e desenvolver competências em projetos educativos eminentemente práticos e com forte ligação ao mercado de trabalho e simultaneamente gerir as expectativas dos estudantes num regime de ensino a distância.

Expressões como *e-learning*, *b-learning*, apresentações virtuais ou *blended mobility* são termos que foram enraizados no contexto do ensino superior e que permitiram que, com esforço acrescido de todos os intervenientes, o processo de ensino-aprendizagem tivesse continuidade e os estudantes desenvolvessem as competências que lhes são necessárias para uma eficaz e eficiente inserção no mercado de trabalho e para o seu desenvolvimento enquanto cidadãos.

Todo o projeto de internacionalização, teve também de ser repensado e adequado ao novo normal que experienciámos, de modo a que não ficasse comprometido.

Existem ainda aspetos que carecem de ajustamento, no entanto é possível afirmar que este contexto pandémico permitiu que tenhamos hoje um ensino superior com novas soluções e novas abordagens para fazer face a um futuro que muito provavelmente será alicerçado em paradigmas diferentes daqueles que conhecíamos até então. Docentes, não-docentes e estudantes demonstraram uma capacidade de adaptação e de entrega demonstrativa da vitalidade do sistema de ensino superior.

Espero, num futuro próximo, que possamos regressar ao regime presencial, todavia importa que o percurso feito até aqui não tenha sido em vão e que as Instituições tenham saído enriquecidas e fortalecidas, tendo por base a experiência adquirida.

Do ensino à distância foi possível retirar uma lição: a inovação e adaptação tecnológica, ditaram uma necessidade de atualização que há muito havia sido diagnosticada.

Em suma, no meio das situações adversas surgem as oportunidades e, caso as IES nada tenham apreendido neste período, então podemos afirmar que esta foi uma oportunidade perdida. Todavia, espero e creio que assim não será. ■

ENTREVISTA **HÉLIA GONÇALVES PEREIRA** Reitora da Universidade Europeia

“Teremos que ter a capacidade de olhar mais à frente do nosso tempo”

Na primeira entrevista como Reitora, Hélia Gonçalves Pereira revela como se propõe reforçar o posicionamento da Universidade Europeia em Portugal: ensino e investigação de grande qualidade e maior ligação às empresas. A internacionalização será impulsionada. O seu plano de ação para o mandato comporta muita novidade e inovação.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Conhece as principais escolas de economia e gestão de Portugal como a palma das mãos: no ISCTE-IUL fez o doutoramento e o MBA, no ISEG uma pós-graduação e na Nova SBE a licenciatura. O seu percurso de 20 anos no ensino universitário é marcado pela integração e desenvolvimento de projetos. Pragmática e determinada, a primeira mulher a liderar a Universidade Europeia afirma, com os olhos postos nos próximo três anos: “Teremos que ter a capacidade de olhar mais à frente do nosso tempo”.

Especializada em Marketing e Turismo, áreas em que a Universidade Europeia tem faculdades, e muito virada para a ação. O seu perfil encaixa como uma luva na Universidade que vai dirigir. Por acaso, foi recrutada por um ‘headhunter’?
É natural que uma organização procure, para um lugar de topo, um perfil que encaixe com o seu posicionamento. Foi o que aconteceu neste processo, onde passei por diferentes fases, conhecendo e dando-me a conhecer aos principais decisores/quadros da entidade instituidora da Universidade Europeia (em Portugal e Espanha). Este processo permitiu-me conhecer a visão que existe para a Universidade e, com isso, perceber que se tratava, de facto, de um desafio irrecusável.

Sente-se a pessoa certa no lugar certo, no momento certo? Que desígnios tem para o mandato?
Sinto a responsabilidade do lugar que ocupo, mas não teria dito sim a este enorme desafio se não me sentisse com a vontade, motivação e capacidade para levar a Universidade mais além. Ao aceitá-lo, assumo que procurarei apoiar as ambições de crescimento e consolidação da posição da Universidade Europeia em Portugal. A palavra chave será Transformação. Atualmente, com a tecnologia e a digitalização, as fronteiras diluem-se, por conseguinte, é importante apostar na mobilidade e na interculturalidade, de forma a capacitar os estudantes para um mercado de trabalho global e cada vez mais dinâmico. Para tal, continuaremos a trabalhar no sentido de fazer evoluir o nosso modelo académico, centrando-o na aprendizagem experiencial – “learning by doing” – com a apresentação permanente de projetos e desafios, no qual os diferentes *stakeholders* terão um papel fundamental. Não menos importante, será o estabelecimento de parcerias fortes, nacional e internacionalmente, um portefólio com uma oferta formativa mais ampla, assim como modelos de aprendizagem atrativos, entre outros. Cumprindo estes pressupostos, espero contribuir para o reforço do posicionamento da Europeia como instituição de referência no ensino universitário português.

Falemos das suas prioridades nas áreas do ensino e da investigação. Qual é a primeira?
Uma universidade só existe com alunos. Talvez pela minha formação e experiência académica na área do marketing, tenho bem vincada esta orientação para as necessidades dos nossos estudantes. Uma universidade forte só se constitui garantindo capacidade de atração de estudantes e esse objetivo só se concretiza através de um ensino superior de qualidade. Para isso, é fundamental apostar na qualificação do corpo docente, excelentes infraestruturas, nível de serviço, conteúdos atualizados e orientados para a garantia da excelência do processo de formação dos nossos alunos. Todavia, uma universidade forte também decorre da força da área da investigação. Estamos a desenvolver um plano estratégico para a investigação na nossa universidade que terá de pautar-se por padrões internacionais. Os resultados da investigação terão que servir os desígnios da excelência na formação que queremos garantir e que referi anteriormente. Como tal, ensino de excelência e investigação de grande qualidade são dois elos inseparáveis para a qualificação da nossa Universidade e a sua consolidação no panorama nacional e no processo de internacionalização que queremos alavancar.

BI
Fundação: 2013
(tem na origem o ISLA, nascido em 1962)
Alunos: 5.000
Professores: mais de 400
Licenciaturas: 18
Licenciaturas duplas: 7
Mestrados: 11
Formação de Executivos: 29
Doutoramentos: 3

> **VAMOS APOSTAR NA CRIAÇÃO DE, PELO MENOS, MAIS UM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO QUE POSSA GARANTIR RECURSOS, PROJETOS E AUTOFINANCIAMENTO PARA OUTRAS ÁREAS DE CONHECIMENTO DETERMINANTES PARA O POSICIONAMENTO DA UNIVERSIDADE EUROPEIA**

E as restantes, quais são?
Costumo referir-me a um triângulo que, garantindo a otimização dos três vértices, permite a uma universidade passar a ser uma referência no setor. Os primeiros dois foram referidos na resposta à questão anterior. O terceiro, passa por transferência de conhecimento – a necessária relação entre a academia e o meio empresarial. Só uma universidade intimamente ligada, e conhecedora dos problemas, perspectivas e tendências do mercado de trabalho, poderá estar habilitada para formar profissionais de excelência. É nossa intenção apostar nesta relação através de uma formação de executivos mais forte, projetos de investigação aplicada, apoio a processos de inovação, projetos e desafios que tragam as empresas para dentro do campus numa relação que pretendemos forte e *win-win* para ambas as partes.

Diz que quer desenvolver conhecimento em áreas emergentes. Que áreas são essas?
Só é possível pensar em áreas emergentes se conhecermos aquelas que serão as competências mais relevantes para os profissionais do futuro. Estas estão em mutação evidente e teremos que ter a capacidade de olhar mais à frente do nosso tempo. A orientação para a solução, e não para o problema, com enfoque no pensamento crítico e analítico, criatividade e iniciativa, resiliência e flexibilidade; novos modelos de liderança e a presença constante da tecnologia, serão o mote para novas e emergentes áreas de conhecimento. Os programas, especificamente, serão desenvolvidos, de forma customizada, em função destas premissas.

Que novos modelos de formação poderão os alunos esperar

Cristina Bernardo

futuramente? Crescimento do B-learning? Mais oferta online?
Temos assistido a grandes mudanças nos últimos anos e a tecnologia tem estado ao serviço de um processo de ensino/aprendizagem cada vez mais interativo e orientado para um estudante que é, também ele, cada vez mais tecnológico e que procura diferentes soluções para as suas necessidades académicas. Não obstante, o ensino presencial continua a ser essencial para as instituições de ensino superior. Para a Universidade Europeia, tal facto também se verifica, mas como instituição vanguardista, considerámos essencial a adaptação do nosso modelo de ensino, conhecido por Experiential Learning Hyflex, e o desenvolvimento de processos de inovação pedagógica que permitam dar resposta aos atuais e futuros desafios que o setor enfrenta. Estas alterações permitem preparar-nos para a emergência de novos perfis de estudantes, que procuram modelos de ensino diferenciadores, mais flexíveis, híbridos e, muitas vezes, totalmente online. Neste sentido, à semelhança do que aconteceu noutros países, acreditamos que as modalidades de B-learning e Ensino a Distância irão gerar cada vez maior interesse por parte dos estudantes e faz parte do nosso plano reforçarmos a oferta formativa nestas áreas.

A licenciatura em Medicina poderá voltar a estar na mira?
A área da saúde tem sido trabalhada e desenvolvida há vários anos nas nossas Instituições. A Universidad Europea de Madrid, por exemplo, foi a primeira universidade privada em Espanha a ver a licenciatura de medicina aprovada. Hoje em dia conta com uma oferta vastíssima que vai da Farmácia à Medicina Dentária, passando pela Enfermagem ou Nutrição. No nosso caso, e desde há vários anos, ministramos formação na área da saúde e em ciclos de estudos diferentes. Destaco, por exemplo, a Psicologia, a Fisiologia do Exercício ou a Gestão da Saúde. Iremos continuar a apostar na formação nesta área tão nobre porque consideramos que podemos acrescentar valor e porque, por virtude de anos de trabalho e elevada experiência, poderemos oferecer cursos diferenciadores onde a inovação e a tecnologia ganham um papel importante.

Recentemente, em Espanha, a Universidade Europeia, que também é detida pelo fundo Permira, cortou 225 empregos com o argumento de "dar continuidade à transformação e enfrentar as mudanças da digitalização", aceleradas pela pandemia. Poderá acontecer o mesmo em Portugal, no futuro?
As nossas instituições, em Espanha, estão a passar por um processo de transformação e modernização que vai mais além da mera digitalização e engloba mudanças em muitas áreas e processos, o que significa que a sua situação, em comparação com a nossa, é muito diferente em termos de necessidades e desafios. Pelo que as linhas de ação são específicas a esta realidade que, como já disse, é diferente da que temos em Portugal.

Quantas escolas e quantos alunos tem a Europeia?
A Universidade Europeia conta com quatro escolas e uma ampla oferta formativa em áreas tão importantes como o design, a tecnologia, a gestão, o desporto ou o turismo. Quanto ao número de estudantes, estamos a falar de cerca de 5.000 alunos.

Qual é a área mais relevante da Universidade na investigação? Quais são os vossos objetivos aí?
A aposta na investigação de qualidade é um dos objetivos mais determinantes no mandato que agora iniciei. Estamos a preparar, como já referi, um plano estratégico para esta área e queremos, num horizonte temporal não muito longínquo, ter um cenário ainda mais positivo nesta área. Temos neste momento três doutoramentos – Gestão, Psicologia e Design –, mas temos outros em fase de preparação e de avaliação. Os programas doutorais são incubadores muito interessantes para investigação de qualidade. Temos um centro de investigação – UNIDCOM, na área do Design, com uma avaliação de Muito Bom por parte da FCT – que dispõe de 129 investigadores. E vamos apostar na criação de, pelo menos, mais um centro que possa garantir recursos, projetos e autofinanciamento para outras áreas de conhecimento determinantes para o posicionamento da Universidade.

A Universidade integra duas marcas fortíssimas: IADE e IPAM. O que está previsto para ambas?
De uma forma muito simples, queremos uma Universidade Europeia cada vez mais forte, mas reconhecemos a relevância, o ADN, o *expertise* e a história do IPAM e do IADE, instituições reputadas e reconhecidas nacional e internacionalmente.
Acreditamos que ambas, integrando a estrutura de forma diferente (o IPAM tem uma gestão própria, pois trata-se de ensino politécnico, ao contrário do IADE, que se colocou como uma unidade orgânica dentro da UE), irão contribuir para o posicionamento e crescimento do nosso projeto.

Qual a percentagem de alunos estrangeiros que estudam convosco? De onde vêm?
Em termos globais, podemos dizer que um em cada seis estudantes da Universidade Europeia é internacional e, em termos de países de origem, embora exista uma transversalidade grande, há a destacar o Brasil e outros países lusófonos, como principais fontes de proveniência de estudantes.

Investir na internacionalização é um propósito? Por que vias pretende fazê-lo?
A internacionalização faz parte dos objetivos estratégicos do mandato que inicio. Desde logo, com novos e ainda mais valiosos protocolos de colaboração e parcerias com universidades estrangeiras que garantam aos nossos alunos uma experiência potencialmente mais global e que permitam uma atração de alunos estrangeiros maior e mais qualificada, nos mais variados graus de ensino.

O ensino superior português tem, no geral, um corpo docente envelhecido. Qual é a média etária na Europeia?
Não diria envelhecido, mas sim, reconhecido. As universidades portuguesas, no geral, têm um corpo docente de prestígio, composto por profissionais que se distinguem nos seus domínios de estudo e áreas de atuação. Na Universidade Europeia, o corpo docente tem em média 50 anos, entre doutorados, profissionais de topo e membros de associações internacionais.

Para si, a empregabilidade de um curso conta? Os cursos da Europeia estão desenhados tendo em conta as saídas profissionais?
Sofreria de miopia de mercado se respondesse que não. A capacidade de colocar os nossos graduados no mercado de trabalho é um dos requisitos fundamentais para os programas que oferecemos. A Universidade Europeia há muito que trabalha este tema, fazendo uma prospecção intensa de mercado para recolher *insights* sobre novas tendências que possam consubstanciar-se em programas apelativos para sectores cada vez mais exigentes e à procura de competências muitas vezes específicas. Nos programas existentes, temos feito um trabalho constante de adaptação dos planos de estudo às necessidades do mundo laboral com o objetivo de garantir ao máximo a preparação dos nossos estudantes para o mercado de trabalho.

No final do seu mandato, onde gostaria de ter colocado a Universidade Europeia?
No final do mandato, conto ter cumprido todos os objetivos a que me desafiei e que tenhamos uma Instituição mais forte, inovadora e diferenciadora.

Defende que o aluno deve ser o centro do processo de ensino e investigação. O que significa?
O estudante está na base de toda a estratégia para a Universidade Europeia. Por todos os motivos que já enumerei anteriormente, e principalmente, porque o nosso objetivo último é formar empreendedores e profissionais de topo, através de métodos inovadores, e prepará-los para o mercado global.

Na sua perspetiva, o que falta no ensino superior português?
O ensino português tem crescido em qualidade evidente nos últimos anos. Não gosto de falar do que falta, mas sim do que podemos, ainda, fazer melhor. 1) Ouvir mais: os diferentes *stakeholders* (alunos, professores, entidades empregadoras, parceiros) que permitam às universidades estar permanentemente na vanguarda do conhecimento. 2) Orientar para o mercado: com programas efetivamente relevantes para o desenvolvimento económico e social do país. 3) Apostar decisivamente na internacionalização. 4) Não perder o comboio do desenvolvimento tecnológico e colocá-lo ao serviço do sector. As universidades portuguesas, até pela dimensão do país, devem olhar, em muitas vertentes, umas para as outras como potenciais parceiras e não como concorrentes. Há muito a fazer, muitos projetos que podem ganhar escala, se a visão for no sentido de um interesse maior, o de catapultar Portugal como embrião de modelos de ensino/aprendizagem, investigação, transferência de conhecimento, efetivamente inovadores, grande qualidade e valor acrescentado. ■

UNIVERSIDADE-EMPRESA

Politécnico de Castelo Branco leva digitalização à floresta

Parceria entre o politécnico albicastrense e a empresa Cutplant, fabricante de maquinaria da marca Vicort, lança projeto tecnológico aplicado à floresta. Tem a duração de 31 meses, conta com um investimento de 1,608 milhões de euros e envolve o INESC-TEC, a FEUP e a UTAD. Objetivo? Desenvolver produtos mais evoluídos que permitam à empresa da Sertã marcar posição no mercado.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

No Politécnico de Castelo Branco ganha vida um projeto tecnológico na área da gestão da floresta, liderado pelos investigadores Pedro Torres, Luís Farinha e Rogério Dionísio. Resulta de uma parceria com a empresa Cutplant Solutions, tem a duração de 31 meses e um investimento de 1,608 milhões de euros.

O nome mais parece um código: SMARTCUT - Diagnóstico e Manutenção Remota e Simuladores para Formação de Operação e Manutenção de Máquinas Florestais. Mas os objetivos são claros, conforme explicam os investigadores ao JE Universidades: "Foca-se na conceção e desenvolvimento de uma solução de sensorização de equipamentos florestais, que permita a execução de tarefas de telediagnóstico, telemanutenção e monitorização da floresta pela empresa produtora dos equipamentos ou dos seus representantes, em cada país de atuação".

A Cutplant Solutions SA, nascida na Sertã e sediada na Zona Industrial de Castelo Branco, fabrica maquinaria florestal, sendo detentora da conhecida marca Vicort. Em conjunto com o Politécnico, a empresa está à procura de "desenvolver produtos tecnologicamente mais evoluídos e, por sua vez, marcar posição de mercado face aos seus concorrentes".

A parceria teve início com um primeiro contacto do Politécnico, que, após o levantamento das necessidades por parte da empresa, procurou os parceiros estratégicos essenciais à implementação do projeto. Encontrou-os no INESC TEC - Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

Um total de 23 pessoas estão envolvidas. Além dos três investigadores residentes, a equipa integra: Miguel Melo, Filipe Santos, Cláudia Rocha e António Gaspar do INESC-TEC, Gil Gonçalves, Fernando Lobo Pereira, Cláudio Monteiro e Maria Margarida de Amorim Ferreira da FEUP, e Maximino Bessa, José Vasconcelos Raposo, Luís Barbosa, Galvão Meirinhos, Vasco Amorim e José Boaventura, da UTAD. Já a Cutplant adjudicou ao projeto uma equipa técnica constituída por: Ricardo Nunes Martins, Miguel Ferreira, Tiago Mateus, Bruno Cardoso, Melo Júnior e Paulo Nunes.

ROGÉRIO DIONÍSIO
Politécnico de Castelo Branco

PEDRO TORRES
Politécnico de Castelo Branco

LUÍS FARINHA
Politécnico de Castelo Branco

Castelo Branco é um distrito predominantemente rural e que tem na floresta uma das suas riquezas. Embora a solução que vier a sair de SMARTCUT se destine à Cutplant, o projeto além disso. Pedro Torres, Luís Farinha e Rogério Dionísio explicam o alcance: "permitirá à Cutplant incorporar nos seus produtos tecnologias inovadoras de grande valor acrescentado, traduzindo-se num aumento da competitividade do sector, especialmente para as empresas sediadas na região". Da parte do Politécnico, acrescentam, reflete "mais um passo em frente" na sua missão de "cooperar com a indústria regional e com os principais *players* de desenvolvimento tecnológico".

Os investigadores também estão envolvidos na conceção e desenvolvimento de uma ferramenta de autoria de cenários de treino virtuais. "Esta inovação - explicam - irá tirar partido de um simulador físico/emulador para recriar, via realidade virtual, a operação e as condições de avaria dos equipamentos e, simultaneamente, as características orográficas e físicas encontradas no terreno". A criação de "gémeos digitais", tornará possível "testar e validar novos produtos antes da sua produção", bem como "auxiliar na formação de novos operadores e na manutenção remota de equipamentos pós-venda".

Os principais fabricantes internacionais de maquinaria já incorporam nos seus equipamentos vários tipos de sensores que permitem, por exemplo, recolher informação relevante sobre a floresta, como a densidade florestal; sobre a performance da máquina, nomeadamente a posição da máquina e a percentagem de tempo em operação; e sobre o progresso das operações florestais, isto é, sobre o tipo de madeira cortada e estimativa do volume. Em Portugal será uma novidade. E para a Cutplant um trunfo. "Torna-se premente dotar os equipamentos Vicort destas funcionalidades para a sua afirmação no mercado", adiantam os investigadores do Politécnico de Castelo Branco ao JE.

SMARTCUT é um projeto a pensar na floresta do futuro, FLORESTA 4.0, que já é uma realidade dada a necessidade de implementar as melhores práticas de gestão da floresta. ■

A floresta em Portugal
Com mais de três milhões de hectares de extensão, a floresta é o principal uso do solo em Portugal, ocupando um terço do território. Eucalipto e pinheiro bravo destacam-se como espécies dominantes em 56% da área florestal total. Segundo a carta "Uso e ocupação do solo em Portugal continental", publicada em 2020, pela Direção-Geral do Território, o pinheiro-bravo domina 29% da área florestal do continente e o eucalipto, que continua em crescimento, 27%. O sobreiro é a terceira espécie predominante, com uma fatia de 18% do total. Os restantes 26% são repartidos entre a azinheira (6%), outros carvalhos (6%), pinheiro-manso (6%) e outras espécies (8%). A floresta tem grande expressão em todo o país, mas na região Centro é rainha, com um conjunto significativo de municípios contíguos a apresentarem uma ocupação superior a 60%. Nessa faixa geográfica, as florestas de eucalipto e de pinheiro bravo representam cerca de três quartos da área. O sobreiro é a terceira espécie com expressão territorial relevante, estando sobretudo confinado aos municípios a sul do Tejo.

ECONOMIA CIRCULAR

Parceria aproxima Universidade de Coimbra e The Loop Co.

A mais antiga universidade portuguesa e a jovem *greentech* reforçaram laços tendo como meta um futuro mais sustentável. "A parceria da The Loop Co. com a Universidade de Coimbra pretende contribuir para que a economia circular passe de alternativa a primeira opção", afirma Manuel Tovar, cofundador da *startup* ao JE Universidades.

O protocolo agora assinado tem como objetivos a colaboração das duas instituições em projetos de investigação, teses e estágios, a criação de um centro de competências em economia circular e a aceleração de projetos de estudantes e investigadores nesta área.

A The Loop Co., empresa da economia circular responsável por plataformas de compra e venda de bens em segunda mão com garantias de qualidade, nasceu em Coimbra em 2017 e despertou a atenção com o primeiro projeto, Book in Loop, destinado à compra e vendas de manuais escolares em segunda mão. Em 2020, iniciou a sua atividade em Espanha e prepara-se para lançar o primeiro centro de logística inversa e Economia Circular da Península Ibérica, no distrito da Guarda, com o objetivo de recuperar e distribuir bens em segunda mão em maior escala.

A relação da The Loop Co. com a Universidade de Coimbra é antiga e muito do talento da empresa vem de lá, mas este novo passo acrescenta-lhe significado. "Ao assinarmos este protocolo, assumimos uma estrutura institucional, de forma a permitirmos que ambas as instituições evoluam nas áreas de sustentabilidade, tecnologia, investigação e desenvolvimento", explica Manuel Tovar. Neste centro de competências conjunto, adianta, "são priorizados âmbitos como a digitalização e a sustentabilidade, que serão determinantes para o futuro e sobre os quais o trabalho irá assentar". Em breve será lançada a primeira iniciativa fruto da parceria. ■ *AR*

FIGURA EM DESTAQUE

PRÉMIO PESSOA \\ WFEO GREE AWARD WOMEN 2020

Elvira Fortunato, a pioneira na eletrónica de papel

A ideia de usar o papel como um "material eletrónico" é uma daquelas invenções que fazem avançar o mundo. Em 2016, esta ideia tornada realidade por Elvira Fortunato, abriu portas para futuras aplicações em produtos farmacêuticos, embalagens inteligentes ou microchips recicláveis, sem esquecer páginas de jornal ou revista com imagens em movimento. A cientista, professora catedrática e Vice-Reitora da Universidade NOVA de Lisboa, engenheira de formação, especialista em Microeletrónica e Optoelectrónica, soma uma larga lista de invenções e inovações onde se destaca o transístor de papel. O resultado do trabalho que desenvolveu juntamente com a sua equipa de investigação no laboratório CENIMAT na NOVA foi determinante para o estabelecimento em Portugal de um Laboratório Colaborativo vocacionado para o papel eletrónico. Em 2020, a Comissão Europeia distingiu o seu trabalho pioneiro usando materiais sustentáveis e com processamento completo à temperatura ambiente, e de grande impacto na indústria eletrónica mundial, com o prémio Horizon Impact Award 2020 da Comissão Europeia. Em março foram-lhe atribuídos mais dois, com poucos dias de intervalo: o WFEO GREE Award Women 2020, o maior prémio internacional de Engenharia destinado a distinguir o trabalho desenvolvido por mulheres do ramo em todo o mundo, atribuído pela World Federation of Engineering Organizations, por proposta da Ordem dos Engenheiros; e o Prémio Pessoa, iniciativa do Expresso com o patrocínio da CGD, que visa reconhecer portugueses com um papel significativo na atividade cultural e científica do país. Também a Assembleia da República lhe rendeu homenagem, com a atribuição no mês passado, de uma Medalha de Ouro Comemorativa do 50.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O motivo? A sua investigação num projeto de desenvolvimento de um biossensor ecológico que, com um impacto ambiental reduzido, vai permitir detetar de forma rápida a presença de coronavírus nas estações de tratamento de águas residuais. O Eco2Covid utiliza tecnologia de baixo custo, já desenvolvida para outras funções. ■ *AR*

INFLUÊNCIA

Do Técnico até 53.º da criptografia mundial

Diogo Mónica, antigo aluno do Instituto Superior Técnico, figura entre as 100 pessoas mais influentes do mundo da criptografia. Ocupa, mais exatamente, a posição 53 na terceira edição da lista do site norte-americano de notícias ligado ao mundo da criptografia e do blockchain, Modern Consensus. Diogo formou-se em Engenharia de Telecomunicações e Informática no campus do Tagus-park e doutorou-se em Engenharia Informática no Técnico. No outro lado do Atlântico começou por trabalhar como designer de segurança na *fintech* Square, onde conheceu Nathan McCauley, com quem criou a Anchorage, em 2017. Esta instituição recebeu já aprovação como o primeiro banco de criptomoedas dos EUA a nível federal, o que é visto pela Modern Consensus como um "enorme passo em frente para toda a indústria da moeda criptográfica". ■

TALENTO

ISEG Executive Education reforça equipa

Joana Santos Silva é a nova Directora de Inovação do ISEG Executive Education, onde vai apoiar o desenvolvimento de novas ofertas e soluções para empresas e programas de inscrição aberta. "Representa um grande fator de motivação para mim poder colaborar com uma equipa empenhada em fazer diferente e trazer inovação ao ensino para executivos e empresas em Portugal, quer na conceção, quer na coordenação e lecionação de programas" afirma, salientando a fase de "grande dinamismo e espírito empreendedor" do ISEG Executive Education. Joana foi Senior Director for Strategy and Advancement na Católica-Lisbon, é membro da direção da Make-a-Wish Portugal e, nesta sua nova etapa profissional, também vai assessorar a Presidência da centenária escola do Quelhas na área do Desenvolvimento Estratégico. ■

PESSOAS

Da UTAD para o palco e livrarias
Daniela Freitas, antiga aluna do curso de Teatro e Artes Performativas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, acaba de dar à estampa um livro para crianças. "A Caixa Surpresa" traz-nos uma história que promove a partilha intergeracional e reflete sobre os direitos das crianças e a relação entre a infância e a terceira idade. A jovem autora, natural de Guimarães, tem vestido a pele de atriz e de assistente de encenação em grupos de teatro amador e integra a equipa de Educação e Mediação Cultural d"A Oficina" e do Mais Três – Programa de Aprendizagem na área das Artes Performativas. Em 2017 publicou a sua primeira obra: "Pitrês e a conta dos 3".

Aluno do IPS garante experiência nos EUA
Miguel Cisneiros, estudante de Bioinformática na Escola Superior de Tecnologia do Barreiro do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), viaja em junho para a Universidade da Carolina do Sul, onde vai frequentar um programa intensivo promovido pela Comissão Fulbright e pelo Bureau of Educational and Cultural Affairs do Departamento de Estado. O jovem dirige o "ESTBrain", criado pela Associação de Estudantes da sua escola e tem-se destacado na organização de iniciativas que promovem a diversidade e inclusão.

Fazer a mudança no IPLeiria
Um grupo de estudantes da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar do Politécnico de Leiria abraçou o "Thirst Project", organização sem fins lucrativos, que chegou recentemente a Portugal. O seu objetivo é acabar com a crise mundial da água através da angariação de fundos para a construção de furos de água potável em países em desenvolvimento. "É a solução mais sustentável", explicam os estudantes da ESTM, que decidiram juntar-se ao projeto, movidos pela "vontade de fazer a mudança".

Distinção para professora da Nova
Maria do Rosário Martins, professora e investigadora da Universidade NOVA de Lisboa foi distinguida pela Assembleia da República com uma Medalha de Ouro Comemorativas do 50.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na base da distinção esteve o trabalho de coordenação que desempenhou no primeiro estudo comparativo realizado em Portugal sobre as consequências da Covid-19 em famílias imigrantes e de nacionalidade portuguesa no concelho da Amadora". O Prémio Direitos Humanos, instituído em 1998, foi entregue este ano à Convenção Nacional de Saúde.

FAIR FOOD FOR A SMART LIFE

UA em projeto que quer seduzir jovens para a Dieta Mediterrânica

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Cláudia Amaral Santos está envolvida num projeto que fará seguramente a diferença numa Europa onde a obesidade é um problema sério. Chama-se Fair Food for a Smart Life, tem foco na Dieta Mediterrânica e financiamento da Comissão Europeia no âmbito Erasmus+ Ação KA202 – Parcerias Estratégicas para o Ensino Vocacional. "As potencialidades da Dieta Mediterrânica não se limitam à qualidade", afirma ao JE Universidades a responsável de Fair Food na Universidade de Aveiro, que integra o projeto coordenado pela Universidade de Málaga.

Esta iniciativa com a duração de dois anos que os envolvidos querem manter vivo no futuro, assenta em três pilares: sensibilizar os mais novos para a importância da alimentação saudável, recuperar alimentos e produtos tradicionais de vários países e preservar técnicas ancestrais de conservação, confeção e consumo.

Universidades de Portugal, Espanha, Itália e Bélgica vão, em conjunto, criar recursos didáticos para estudantes do ensino profissional das áreas de hotelaria, cozinha, restauração e nutrição, tanto a nível do secundário como a nível superior, nos vários países que integram o consórcio. Os conteúdos dos cursos serão desenvolvidos em dois níveis – básico e avançado – "para que o acesso e utilização sejam acessíveis e de utilidade também para a população em geral". No caso de Portugal, são parceiros associados três entidades: Associação dos Cozinheiros Profissionais de Portugal, Associação das Escolas Profissionais de Portugal, através da EPF - Escola Profissional do Fundão, e APN - Associação Portuguesa de Nutrição.

"O espólio de conhecimento será integrado e abrangente, já que conta, além de Portugal, com a participação de Espanha, Itália e Bélgica", salienta. "Este aspeto é relevante para os estudantes do ensino profissional dos vários países, permitindo uma formação orgânica, diversificada em termos geográficos, extremamente importante em termos culturais, multilingue, e com conteúdos didáticos sólidos, criativos, em versão presencial e versão digital". A investigação de Fair Food tem especial carinho pela recuperação e preservação de conhecimento ligado à Dieta Mediterrânica. Os membros do consórcio tentarão recolher e transformar esse saber em formatos facilmente disseminados junto dos mais jovens. Nesse sentido, Cláudia Amaral Santos deixa um convite aos leitores do JE Universidades: "procuramos contributos para os módulos de formação, nomeadamente conhecimento tradicional ligado à agricultura e criação agropecuária, conservação e confeção de alimentos, bem como receitas ancestrais que não queremos perder". ■

CLÀUDIA AMARAL SANTOS
Coordenadora do projeto Fair Food for a Smart Life na Universidade de Aveiro

CONFERÊNCIAS NA NOVA SBE

Economistas e estudantes promovem Economia Viva

O Nova Economics Club e a Associação de Estudantes da Nova SBE promovem, na próxima semana, a 6ª edição do ciclo de conferências Economia Viva, que terá como temas a economia da saúde, economia da educação, economia ambiental, a competitividade no atual mundo global e os grandes desafios do plano de recuperação europeu.

O ciclo de conferências temáticas tem o apoio institucional da Nova School of Business and Economics (Nova SBE) e a colaboração da Comissão Europeia, decorre entre 5 e 9 de abril, e contará com a participação de 31 personalidades.

A sessão de abertura terá lugar a 5 de abril, segunda-feira, com a participação do presidente do Nova Economics Club, Tomás Andrade; do dean da Nova SBE, Daniel Traça; e do vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais, Miguel Pinto Luz. Segue-se o primeiro debate, sobre a "União Europeia da Saúde", com a participação do bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães; do deputado Ricardo Batista Leite; do professor associado da Nova Medical School e ex-ministro da Saúde Adalberto Campos Fernandes; e de Pedro Pita Barros, economista no Nova SBE Health Economics & Management Knowledge Center.

No dia seguinte, o debate terá como tema "Ensinar na Era Digital" e terá como participantes o ex-ministro da Educação Nuno Crato; a presidente do Conselho Nacional da Educação, Maria Emília Santos; o presidente-executivo da Fundação José Neves, Carlos Oliveira; e Ana Balcão Reis, economista no Nova SBE Economics of Education Knowledge Center.

O tema para quarta-feira, 7 de abril, é o das "Cidades Verdes do Futuro" e conta com a intervenção da vereadora da Câmara Municipal de Cascais Joana Pinto Balsemão; de Filipe Duarte Santos, professor associado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; da presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Luísa Maria Neves Salgueiro; e de Sofia Franco, economista do Nova SBE Environmental Economics Knowledge Center.

O debate de 8 de abril tem como tema "Competir num Mundo Global" e como intervenientes o ex-vice-primeiro-ministro e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros Paulo Portas; do ex-comissário europeu para a Investigação, Ciência e Inovação Carlos Moedas; da presidente da Autoridade da Concorrência, Margarida Matos Rosa; e de João Azevedo, economista da Direção-geral da Concorrência da Comissão Europeia.

O último debate, a 9 de abril, tem como tema "A Presidência Portuguesa da UE e o Plano Europeu de Recuperação" e conta com a participação do ministro de Estado, da Economia e da Transição Digital, Pedro Siza Vieira; de Miguel Faria e Castro, economista na Divisão de Investigação no Banco da Reserva Federal de St. Louis, nos Estados Unidos da América; de João César das Neves, professor na Universidade Católica; e de João Amador, diretor-adjunto do Departamento de Estudos Económicos do Banco de Portugal.

O ciclo de conferências encerra sexta-feira, com uma cerimónia que contará com a intervenção do vice-presidente do Nova Economics Club e organizador do Economia Viva 2021; Luís Laginha de Sousa, administrador do Banco de Portugal; e Sofia Colares Alves, representante da Comissão Europeia em Portugal.

Devido às circunstâncias criadas pela pandemia de Covid-19, todas as conferências realizam-se em ambiente virtual, com transmissão em direto via Zoom Webinar e Facebook, sendo a participação do público assegurada através dos canais digitais. ■

BREVES

Videojogo nascido no IPLeiria brilha na FNAC

Conta a história de uma raposa simpática que tem de explorar novas ilhas e fazer amigos. O videojogo, cujo desenvolvimento se iniciou no âmbito da unidade curricular de Projeto Final da licenciatura em Jogos Digitais e Multimédia da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Politécnico de Leiria, é já muito mais do que uma ideia vencedora. "Nur", um 3D 'isometric action-adventure' (jogo isométrico de plataformas), da autoria da dupla Carlos Pedroso e Inês Ribeiro, que, entretanto, se licenciaram, arrebatou a última edição da iniciativa Novos Talentos Fnac Videojogos 2020. O júri considerou a temática "bastante profunda e bem executada", que "funciona como um todo ao nível da música, aspeto visual, história e interações".

Universidade & Cultura dá mote a cimeira

Acesso gratuito de estudantes universitários a estruturas museológicas e a integração de experiências artísticas nos diversos planos de estudo são algumas das medidas saídas da primeira Cimeira Europeia Universidade & Cultura, que se realizou esta semana, no âmbito Presidência Portuguesa da União Europeia. Organizada pela Universidade do Porto e pelo Plano Nacional das Artes, a cimeira debateu o papel crucial e democrático que as artes podem desempenhar na missão das universidades."É urgente regressar à ideia dos museus como instituições públicas de conhecimento", diz Fátima Vieira, Vice-Reitora da área da Cultura da U.Porto.

À ConVersa sobre Emoções

As sessões "À ConVersa sobre..." são dinamizadas pelo Conselho da Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e têm como objetivo discutir, ao longo de conversas que se pretendem informais, temas atuais que exercem influência em todas as áreas do conhecimento que se estudam na escola. A quarta "À ConVersa sobre...", a 13 de maio, é dedicada à inclusão.

360

Decorrem até 18 de abril as inscrições para as Bolsas Santander Futuro 2021, que se destinam a apoiar estudantes universitários com recursos económicos limitados. Podem candidatar-se alunos das universidades e institutos de todo o país que mantêm parcerias com o Santander Universidades, num total de 50 instituições. Entre os critérios de elegibilidade dos candidatos inclui-se a situação de desemprego comprovado através de registo no IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional.
O valor da bolsa pode ascender a mil euros, devendo o número total ultrapassar as 360.